



A terra em pandemia, de Aleilton Fonseca: a arte contra a tragédia

*A terra em pandemia from Aleilton
Fonseca: the art against tragedy*

Brigitte Thiérion*
Université Sorbonne-Nouvelle
(Paris)/CREPAL - EA 3421

*Sorbonne Nouvelle – Paris 3 / CREPAL (Centre de recherche sur les Pays Lusophones). Paris, France. brigitte.thierion@free.fr

Resumo: O presente estudo contempla o poema *A Terra em Pandemia*, do escritor baiano Aleilton Fonseca, publicado em 2021, ou seja, um ano depois da declaração da pandemia. Ele procura analisar a contribuição específica da literatura e da arte poética como forma de atuar, resistir, conscientizar e questionar os paradigmas do pensamento em tempos de crise, para superar o trauma vivenciado. A polissemia de linguagem poética reveste uma dimensão universalizadora que favorece a introspecção e propicia uma reflexão existencial. No confronto com a realidade local, ela permeia um questionamento sobre as responsabilidades do estado e a necessidade de pensar um outro modo de estar no mundo para inventar um outro futuro.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea; poesia; pandemia.

Abstract: The present study contemplates the poem *A Terra em Pandemia* by the Bahian writer Aleilton Fonseca published in 2021, that is, one year after the declaration of the pandemic. He seeks to analyze the specific contribution of literature and poetic art, as a way of acting, resisting, raising awareness and questioning the paradigms of thought in times of crisis, to overcome the trauma experienced. The polysemy of poetic language has a universal dimension that favors introspection and promotes an existential reflection. In the confrontation with the local reality, it allows a questioning about the responsibilities of the state and the necessity to think about another way of being in the world in order to invent another future.

Keywords: Contemporary Brazilian literature; poetry; pandemic.

THIÉRION, Brigitte . *A terra em pandemia*, de Aleilton Fonseca: a arte contra a tragédia. *Léguas & Meia*, Brasil, n.13, v. 1, p. 151-, 2021.

Não posso salvar da morte as pessoas que amo;
Nem posso escapar do abismo de ignorância
Que ameaça e ceifa nossas vidas todos os dias.
Mas protesto com os versos de todos os poetas
Que defendem a vida, a arte, a imaginação.¹

Se números frios não tocam a gente
espero que nomes consigam tocar.²

O poema de Aleilton Fonseca, *A terra em pandemia*, recentemente publicado pela editora Mondrongo (2021), suscitou numerosas manifestações, entre elogios e resenhas, algumas incorporadas na edição original, outras expostas por ocasião do lançamento do livro e na imprensa. A multiplicidade e a riqueza dos pontos de vista expressos e das leituras suscitadas apontam para a polissemia da linguagem poética. Enfatizarei aqui alguns aspectos entre os mais relevantes desta obra de grande profundidade. A diversidade das percepções me parece ilustrar a noção de “obra aberta” pela qual Umberto Eco caracteriza a obra de arte, ou seja: “uma mensagem fundamentalmente ambígua, uma pluralidade de significados que convivem num só significante.” (ECO, 1991, p. 22). É esta complexidade, decorrente da polissemia do texto literário, que o eleva ao estatuto de obra de arte e suscita um intenso processo de interpretação do qual temos um exemplo aqui.

A palavra contra o silêncio

Como foi ressaltado ao longo do processo criativo, o poeta procurou iniciar um diálogo com os seus leitores, compartilhando as numerosas versões do texto no decorrer da sua elaboração. O procedimento revelou, de um lado, o árduo trabalho realizado na procura da forma ou da palavra mais adequadas e, por outra parte, demonstra a generosidade do poeta que permeou o acesso aos bastidores da sua criação. Acompanhar este lento e minucioso caminhar densificou o texto e intensificou a sua expressão aos olhos do leitor. Além do mais, considerar esta interação como fazendo parte do próprio processo criativo, conforme o autor declarou por ocasião do

¹ FONSECA, “Dedicatória”, 2021.

² CÉSAR & BRAULIO, 2021.

lançamento (FONSECA, 26/02/2021), revela a concepção utópica que procede de uma postura humanista e integradora do poeta.

Lembraremos aqui a posição expressa por Jean-Paul Sartre na obra *Que é literatura?* (1948), onde o filósofo analisa a criação literária, as motivações do escritor e o papel do leitor. Embora trate mais especificamente da prosa, as observações integram a poesia dentro de uma reflexão genérica. Segundo ele, a literatura tem uma função reveladora e propicia por isso uma transformação. Ela desvenda situações, sentidos e é norteada pela ideia de democracia. Sartre afirma que a obra não pode atingir a sua completude sem a participação ativa dos leitores:

Assim o autor escreve para se dirigir à liberdade dos leitores, e a solicita para fazer existir a sua obra. Mas não se limita a isso e exige também que eles retribuam essa confiança neles depositada, que reconheçam a liberdade criadora do autor e a solicitem, por sua vez, através de um apelo simétrico e inverso. (SARTRE, 1989, p. 43)

Vale ressaltar que esta leitura requer a liberdade do leitor em exercer o seu imaginário. Esta postura integradora prefigura a teoria da recepção e da leitura desenvolvida nos anos 60 por Jauss, a qual prioriza a relação triangular entre o autor, o texto e o leitor. Atualizado novamente pela leitura, o texto integra e adquire novos significados e assume desta forma a sua feição intensamente dialógica.

Pela sua articulação, a edição do poema *A terra em pandemia*, belamente ilustrada pelo artista plástico Sílvio Jessé, adequa-se perfeitamente a esta visão e procura instaurar um diálogo privilegiado com o leitor como forma de preencher o silêncio das vítimas e a omissão vigente nas esferas mais altas do poder no Brasil. Assim, a obra revela e ao mesmo tempo se revela, existe e adquire um significado pleno. Nesse vai e vem, entre o leitor e o autor, este último pode até, conforme confidencia Aleilton Fonseca (26/02/21), descobrir aspectos insuspeitos de sua própria criação. Por isso, a *Terra em pandemia* nos convida a refletir sobre o próprio ato criativo e evidenciar a importância da criação literária, não apenas como dom, e sim como ágora, lugar de debate e de confrontação de ideias, instrumento poderoso de conscientização e de resistência.

O protesto expresso na dedicatória, que reproduzimos acima, salienta a importância da arte como atuação, engajamento, comprometimento com a sociedade e com a vida, e também ato humano e fraterno, destinado a construir um mundo melhor e mais justo. O sentimento profundo de impotência do cidadão se reverte frente à certeza de que o homem de letras, graças à arte, atua na construção da felicidade e na restauração da dignidade, tanto individual como coletiva, e traz uma contribuição valiosa na defesa dos direitos humanos como se lê na conclusão do poema:

A vida em seu leito reto, em busca de um novo porvir.
O Corpo, o Verbo, o Tempo, o Oikos: o Ego coletivo e plural.
Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos.
Axé! Amém! Salaam Aleikum! Saravá! Namastê! Shalom!
(FONSECA, 2021, p. 57)

A projeção utópica nasce da confiança colocada no conhecimento e na ciência. Nessa perspectiva, ela derruba as noções de individualidade, as fronteiras de classe, cultura ou religião para pensar coletivamente e com novas bases o futuro da humanidade.

Convém então salientar a importância de um ato que não procura simplesmente assumir um compromisso estético renovador, mas que reveste também uma dimensão assumidamente política, ditada em parte pela impossibilidade de traduzir com as palavras do cotidiano a intensidade do trauma vivenciado, e que responde à urgência de agir frente à amplitude inédita do mal que acomete o planeta terra, e de denunciar a inércia do poder para proteger os cidadãos.

Organizada em 5 cantos, a estrutura opera uma gradação. A primeira parte, “O enterro dos mortos”, descreve a situação inédita vivida em fevereiro de 2020 quando o mundo foi brutalmente acometido por uma doença incógnita disseminada por um invasor onipotente e invisível. Os tempos são de sideração: “Não há repouso nem paz para cerca de um milhão de mortos / Que se revolvem, inconformados, no coração dos entes queridos” (FONSECA, 2021, p. 15). Os versos líricos denunciam a monstruosidade da praga que mata indiscriminadamente. A lírica explora, em descrições cruas e invectivas ao leitor, o universo crepuscular, macabro e mórbido da imagética romântica e simbolista para impactar o imaginário, e traduzir a atrocidade do cotejo da

morte, o seu lado grotesco assim como vazar a angústia e a dor, suscitadas pela impotência em controlar o avanço da tragédia e pela incerteza do futuro. Há uma profunda ironia em observar a perfeição implacável do mal que agrega a todos sem distinção de classe e se vale das forças míticas para impor uma nova ordem planetária.

Na segunda parte, “Um jogo de cartas”, o poeta ironiza sobre a cegueira e a inconsciência coletivas que não permitiram decifrar os signos enviados pela Natureza para prevenir a catástrofe: “Uma amável senhora, nossa vizinha, famosa vidente no bairro, / Não previu a má sorte, embora estivesse com receio dos fatos.” [...] “Disse ela: vejo dias vazios, ruas sujas, multidões aflitas/ Pessoas andam a esmo. Medo da morte. Enterros. Emoção. / Há algo muito grave no ar, mas estou impedida de ver.” (FONSECA, 2021, p. 18-19). Incrédulo, cego, o homem não consegue decifrar os signos mais evidentes enviados pelo destino.

A terceira parte, a mais extensa, “A Terra em pandemia”, segue a trajetória do vírus e opera uma volta ao mundo, representando cidades, monumentos, elementos culturais elevados à categoria de mitos e de patrimônio da humanidade. São lugares subitamente desérticos e emudecidos: “Cidades irreais, nulas paisagens, portas e portões trancados. / Paris, a Torre Eiffel reduzida a enorme maquete de ferro. [...] A cidade perdeu a sua luz; em seu Arco não há mais Triunfo” (FONSECA, 2021, 32). A realidade anterior cedeu o passo a uma ficção que transformou tudo, reduzindo o mundo à imobilidade, tal qual estátua de sal. Por quanto tempo, pergunta-se o eu lírico? Haverá uma possibilidade de voltar à ligeireza do ser? “Tudo se torna costume, e não há ânimo de resistir, / Mas insistir em viver o direito e a ilusão de ir e vir, / Mesmo que seja ao fim, em busca do infinito nada.” (FONSECA, 2021, p. 43). O vírus não apenas ceifou as vidas, mas também neutralizou as mentes, gerou uma inquietação existencial.

A quarta parte, “O desfile das infâmias”, formula imprecizações contra a incúria do poder e as consequências trágicas de um discurso negacionista no Brasil frente ao drama. “Incendiários do apocalipse tropical, seguidores do indigitado, / A contaminar as ruas e os dias com secreções mentais. / A arma entre o indicador e o polegar atira contra a razão.” (FONSECA, 2021, p. 47).

O quinto e último canto, intitulado “O canto final”, abre um espaço de esperança graças ao triunfo da sabedoria. A ciência mitificada restaura a ordem: “A deusa que

salva, e ora se gesta nas fórmulas da Ciência, / Há de nos restaurar a honra de viver sem rogar clemência.”

Um obra agregadora

A obra abre um espaço de reflexão e de discussão e procura romper com o sentimento de abandono e solidão dos indivíduos subitamente aprisionados em seus lares e que têm de se reinventar para aprender a enfrentar esta provação de origem ignota, que nos remete, por isso, a um estágio anterior da nossa civilização, seja o tempo mítico dos deuses do Olimpo, sejam os tempos sombrios da ignorância e das superstições. São tempos que acreditávamos ter ultrapassado com as supostas “luzes da civilização” e a ideologia do progresso. Os poderes são invertidos.

Opera-se uma transformação: “À luz dos fatos, as ideias mudam: a verdade e os saberes” (Fonseca, 2012, p. 26), o tempo é de incertezas. Neste sentido, o poema cria condições propícias para uma reflexão existencial. “Cogito ergo sum”, (FONSECA, 2021, p. 57) “Penso, logo sou”, a referência à célebre frase do Discurso do método de Descartes (1637) vem a propósito para nos lembrar que esta capacidade reflexiva é o que faz a nossa singularidade. Já que se pode duvidar de tudo, ela nos torna capazes de desenvolver uma visão crítica, e permite que tenhamos a esperança de agir sobre o futuro, para nos reinventarmos e talvez reinventar um mundo com outras bases.

Longe de dividir, a obra é testemunha da vontade de agregar e proteger, talvez por se sentir impotente em afastar a morte, como explicita a dedicatória, e acreditar que a arte, a cultura e a literatura sejam poderosos instrumentos de superação e resiliência.

Aleilton Fonseca escolheu a palavra poética como a forma mais perfeita para expressar a dor e enfrentar o trauma vivenciado; por ser o resultado de um árduo trabalho estético, ela torna as imagens mais impactantes e é a forma mais digna de restaurar a memória das vítimas. De fato, ele nos leva a pensar nos limites da linguagem frente à extrema violência. E relembra o comprometimento do artista com a realidade.

Como afirma Bergson, o indivíduo comum, não tem a capacidade de compreender plenamente o sentido do mundo e de si mesmo, ao contrário do artista:

Entre nós e a natureza – mas que digo? –, entre nós e nossa própria consciência, interpõe-se um véu, véu espesso para o comum dos homens, véu leve, quase transparente, para o artista e o poeta. (BERGSON, 2004, p. 113)

Com esta clarividência própria do artista, o poeta assume aqui a missão de revelar as mazelas do mundo e da sociedade, e de nos alertar sobre as consequências dramáticas do descaso moderno pelo saber que atua no sentido de apagar as consciências críticas. Ele aceita o papel de guia ou de diretor de consciência e aponta os nossos erros: “Eu lhes mostro o caminho que já conhecem, como trilha maldita, / Na qual perderam o sentido de si mesmos e de suas sombras” (FONSECA, 2021, p. 14). Será que vendemos a nossa alma ao diabo?

O autor de *La peste* (1947), Albert Camus, como relembram Dominique Stoenesco (FONSECA, 2021, p. 103) e Heloísa Prazeres (FONSECA, 2021, p. 76), estabeleceu um paralelo entre a propagação da peste e o avanço do nazismo na Europa no início do século 20. No romance, a peste não é apenas uma doença letal, ela alegoriza o mal que gangrenava a sociedade da época, disseminado por um discurso nocivo e insalubre que alastrava seus miasmas por todo o continente europeu.

O poema de Aleilton Fonseca, da mesma forma, incorpora uma dupla significação. Ele é um libelo que denuncia em nível regional os efeitos genocidas de um discurso de ódio, e da atitude negacionista e criminosa que prospera nas mais altas esferas do poder no Brasil atual.

Brasil, vale da morte: de vírus, de faca, de tiro. Matar, matar,
A má arte de assassinar mulheres, índios, negros, quilombolas,
Desde sempre, a epidemia que vem de tempos, em longa lista.
Vírus e balas! Até onde a justiça é cega? Parem de nos matar!
(FONSECA, 2021, p.36)

O grito é de revolta e desespero, diante da corrupção, da injustiça e dos ataques dirigidos contra os segmentos mais frágeis da sociedade, apontando o fato que a violência racial e de gênero seja um componente institucional, um fato histórico incontornável da formação da nação, herdada da colonização e da escravatura.

Terra de Vera Cruz. Terra de Santa Cruz. Terra Brasilis.
Terra arrasada. Estado enfermo. Terra resignada.
Sem lágrimas. Governo errático. Que lástima!
Estado sem tino. Elos perdidos. Terra sem destino? (FONSECA,
2021, p. 39)

A vítima não é apenas o homem, o cidadão, e sim a terra, a nação errática. Parodiando o poeta Affonso Romano de Sant'Anna, ele se questiona: “Brasil, *Brazil - Que País é este?*” (FONSECA, 2021, p. 39). Sentimos uma profunda exasperação que denota a incompreensão diante do desgoverno, da ausência total de compaixão frente à tragédia, o eu lírico expressa inquietações acerca do futuro da nação e frente às ameaças à democracia.

Rememorar-se para resistir e sobreviver

Aleilton Fonseca mantém uma comunicação estreita em sua obra com os seus predecessores, seus mestres em literatura, como os apresenta. Entre eles, distingue o poeta americano T.S Eliot, cuja obra prima imprimiu o seu cunho ao poema, desde os primeiros versos. *The Waste Land* (1922) lhe propiciou a “chave” para estruturar o seu poema (FONSECA, 26/02/21), tanto na forma épica, como na analogia temática do caos e das ruínas. Como o seu ilustre predecessor, o autor entretetece diversas linguagens poéticas, desde Ovídio, citado na epígrafe e a epopeia clássica, até a modernidade e sua fragmentação. As numerosas referências a autores, em citações canibalizadas pelo poeta, sobrepõem uma pluralidade de línguas, que refletem a diversidade do mundo a partir da colagem de fragmentos díspares, os quais contribuem para evidenciar uma continuidade histórica e cultural, uma rica herança que ilustra o valor de exemplo da literatura. Refere-se a obras icônicas como as de Baudelaire, Camões, Pessoa, Cervantes, Shakespeare, Dante, sem esquecer Castro Alves, Machado, Mario de Andrade. Os seus fragmentos, por vezes distorcidos pelo poeta, têm um valor paradigmático e resultam de um jogo de apropriação irônico e sentimental; eles formam um memorial erguido contra a barbárie e o caos contemporâneos, decorrentes por parte do afastamento das nossas origens. Cada um deles incorpora uma ideia, uma vivência, uma experiência que, de certa forma, suprem as lacunas e as perdas de conhecimento provocadas pelas inúmeras mortes ocorridas.

Resulta deste denso jogo intertextual, uma composição altamente elaborada que se desdobra em vários níveis interpretativos. Mas nem por isso a obra deixa de ser acessível ao leitor comum. A brutalidade e o lirismo pungente das evocações resultam

da tensão dramática criada pelos jogos sonoros, pelos efeitos rítmicos produzidos na alternância de versos amplos, marcados pela ênfase do verbo e das metáforas, e de versos sincopados, em sucessões de frases breves e cortantes que sustentam o fôlego. As referências, ora cultas, ora populares, introduzem uma heterogeneidade que confere uma plasticidade ao texto e refrata, em sua dupla vertente, as múltiplas faces da sociedade brasileira, assim como as contradições do homem dividido entre a gravidade e a ligeireza.

Sem artificios inúteis, as palavras nomeiam, acusam, ferem com veemência para expulsar a indignação e a dor do sujeito lírico que se ergue contra a intolerância assassina, o racismo que asfixia – “I can’t breathe” (FONSECA, 2021, 37) –, os desmandos da lei pelo mundo afora, e chora pelo desgaste da terra, pelas vidas injustamente desperdiçadas e pelos saberes irremediavelmente perdidos.

Agora já invades as florestas; e teu caminho não foi barrado.
Não se freia teu ímpeto; e segues no encalço de nossas aldeias
Tão sofridas, ao abandono, e vítimas de tantos vilipêndios.
És praga solta que avança ao norte, és o ávido galope da morte.
Ceifas os povos da floresta, irmãos da terra, guardiães das origens.
Tu, sem ajuda das moiras, cortas os fios de vidas raras e preciosas.
Se um cacique morre, se um curumim expira, se um pajé falece,
Um saber nos falta, são as matas que calam. E avulta o descaso.
Mais de 150 povos contaminados. Mais de 700 mortos nas aldeias.
O genocídio consentido. O crime será um dia punido e execrado?
(FONSECA, 2021, p. 40)

Encontramos aqui um prolongamento dos versos da poetiza potiguara Graça Graúna (2001), em “Geografia do poema”, nos quais ela denuncia o genocídio perpetrado contra os povos originários. Esta concordância aponta o sofrimento dos povos nativos desde tempos imemoriais, e os ataques repetidos ao seu território e à Natureza.

O dia deu em chuvoso
na geografia do poema
um sonho foi desfeito
mil povos pratearam.
A terra está sentida de tanto sofrimento.
Mas...

VII

Haverá manhã
e o sol cobrirá
com os seus raios de luz
a rosa dos ventos

(Graúna, 2001, p. 46-49)

Não seria isso uma razão suficiente para que a terra nos expulse do seu ventre matricial, sugere o sujeito lírico? Ambos os poetas, no entanto, evocam, como veremos, uma possibilidade de restauração depois do Apocalipse.

Haverá um depois do Apocalipse?

Sustentada pela aproximação crítica e de tendência pós-moderna, a visão poética de uma humanidade em perdição ilustra as teses finalistas, que acreditam no esgotamento e na destruição do planeta terra, imagem incorporada no próprio título do poema de T. S. Eliot *The Waste Land* (ELIOT, 1981).

O palíndromo 02.02.2020, capicua exata, em dia imperfeito:
Registram-se 300 mortes e 14 mil infectados no mundo.
Pânico. Navios e cidades em quarentena. Fronteiras fechadas.
(FONSECA, 2021, p. 27)

Neste fim de março 2021, ou seja, um ano depois, cada dia acresce o número das vítimas numa curva vertiginosa, concedendo ao Brasil, com mais de 300 000 mortos, o triste privilégio de ter o recorde mundial de vítimas da pandemia.

Cada dia é mais uma desfeita frente ao inimigo invisível e a seu poder devastador. Nesta guerra já conhecemos os vencidos, vítimas da pobreza e da injustiça. Mas talvez seja cedo ainda para conhecer o rumo do futuro, já que não fomos capazes de decifrar os sinais mandados pela Natureza.

A mecânica implacável que move a doença, numa cronologia, que mimetiza ironicamente a perfeição, assenta uma crítica acirrada nesta subversão. Pois, para o poeta, o homem não pode ser apenas um número a mais no fúnebre desconto das mortes anônimas, que no auge da pandemia não estiveram acompanhadas até a sua última morada, nem sequer tiveram um palmo de terra seu como o trágico herói de João Cabral de Mello Neto (NETO, s. d., p. 13). O eu lírico denuncia a desumanização revoltante desta desapropriação dos próprios corpos e apagamento das memórias.

A vertente memorialista poderia definir o “DNA” do escritor Aleilton Fonseca, cuja obra extensa aparece estruturada em dois polos de igual importância, a evocação saudosa do mundo rural tradicional, o Interior, e a figuração da cidade: Salvador, a cidade de eleição, dois universos associados a fatos e personagens singulares. Esta dicotomia reverbera na composição do poema, na tensão observada acima entre tradição e modernidade formal. Assim, encontramos reminiscências do ensaísta que refez o caminho até o arraial de Canudos para reescrever a sua trágica história, revitalizando, desta forma, memórias injustamente invisibilizadas. Estas feições dizem muito do convívio estreito mantido pelo autor com a morte em sua obra, e apontam o trabalho de valorização da memória, como forma de dignificar o homem.

Entendemos os sentimentos de revolta e de impotência que motivaram a criação artística, vivida como meio de se libertar da angústia e de superar o sentimento de impotência e intensa frustração ressentido frente ao destino implacável. E haveria arma mais valiosa para o poeta do que a palavra? Restaurar a comunicação entre os seres humanos indevidamente “encurralados” (FONSECA, 2021, p. 26) constitui um eixo vital, renovador, libertador, para resistir e enfrentar o mal invisível que surgiu da caixa de Pandora, aberta pela ganância, pela cobiça e pelo descaso humano.

Mas a palavra não é apenas ofensiva, seria reduzi-la injustamente. Como afirma o poeta, a palavra poética é o bálsamo que tenta curar as feridas e secar as lágrimas. Ela é um gesto de fraternidade. A poesia é o estandarte levantado pelo poeta, que se faz o embaixador da vida, para que prevaleça a razão e o respeito do ser humano.

Pois o Apocalipse é o fim de um mundo, mas será ele o fim do mundo?

O poema de Aleilton Fonseca introduz a ideia de transformação logo nos prenúncios do poema, citando Ovídio. “Nec quod fuimusve, sumusve, cras erimus.” Ou seja, “E amanhã não seremos o que fomos, nem o que somos” (OVÍDIO, *Apud* FONSECA, 2021, p. 7). Ele aponta, desta forma, para as marcas indelévels deixadas pela pandemia e as suas repercussões ao nível ontológico. Esta transformação proporciona uma projeção e faz antever a construção de outro mundo e de novas atitudes.

A mitologia incorpora uma ideia de renovação. A arca de Noé expressa a ideia de salvação. A *bíblia* prevê a ressurreição. A *Bhagavad-Gītā* (FONSECA, 2021, p. 7)

incorpora também a ideia de destruição e de reconstrução, assim como a necessidade de reconsiderar a nossa relação ao mundo e aos outros.

Frente aos ataques ao meio ambiente, às destruições das riquezas naturais, às guerras que assolam muitos países ao redor do planeta, à pobreza que acomete uma parte cada vez maior da população mundial, a pandemia se torna sinônima de castigo ou provação enviada pela Natureza para nos alertar. E relembra que a sabedoria ainda não foi capaz de vencer o obscurantismo e a ignorância.

Mudar de paradigmas

A modernidade, tempo da descontinuidade e da fragmentação, nos é narrada como o prenúncio da queda: o *fatum* moderno incorpora em suas perspectivas o fim do mundo, tal qual o conhecemos, como dado incontornável resultando das atividades predatórias dirigidas contra a Terra, a “Terra-mãe” dos povos originários, e, por vias de consequência, encara como inevitável a extinção da humanidade, ecoada no poema devido à dimensão planetária do mal que nos acomete.

O fenômeno perpassa os tempos. As profecias milenaristas antevêm tempos de renovação, desde a volta de São Sebastião até o caos do ano 2000, movimentos religiosos e revoltas populares são exemplos disso ao longo da história.

Os Tupi Guarani buscam a *Terra sem mal*, um paraíso terrestre.

Pensadores indígenas, como o Yanomami Davi Kopenawa, em *A Queda do Céu*, (2015) procuram nos alertar sobre a necessidade de mudar o nosso modo de nos relacionar com o meio ambiente. No entanto, como lembra o autor de *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), o filósofo Ailton Krenak:

Em todas essas narrativas, o que nossos ancestrais estão dizendo é: ‘Nós nunca vamos acabar. Nós viemos de outro lugar, nós estamos na Terra e nós tivemos um surgimento na Terra tão cósmico, formado por essa origem cósmica, que nós nos confundimos com a Terra, de que estamos em um estado emocional com ela’. (KRENAK, apud FARIAS, 2020)

Essas narrativas apontam para a capacidade de resistência de povos, que sobreviveram aos surtos epidêmicos anteriores e a uma política de extermínio. Elas

sustentam a refundação do mundo graças à sua cosmovisão, baseada numa relação harmoniosa e afetiva com a terra matricial e com os seres que nela habitam.

Isto implica uma profunda revisão do sistema de valores vigente no mundo globalizado, regido pelo capitalismo e norteado pela ideologia do progresso.

Conclusão

A literatura é, por essência, a expressão da subjetividade de uma sociedade a partir do embate entre a realidade e o imaginário. Como afirma Sylvania Helena Cyntrão a respeito do texto poético:

(...) há uma plurivocidade de ícones determinantes do texto artístico, cujo desenvolvimento significa expor as relações subjacentes do ser humano, com o contexto do real e com o mundo imaginário que o envolve. (CYNTRÃO, 2004, p. 12)

Com *A terra em pandemia*, Aleilton Fonseca nos presenteia com uma obra de grande fôlego, obra singular e corajosa se considerarmos o espaço restrito da poesia hoje na produção editorial e o desfato observado em relação à literatura em geral.

O extenso poema resulta do ambicioso projeto de transcender, por meio da palavra poética e graças à força de exemplaridade da literatura, a realidade inédita e contingente que apareceu há mais de um ano.

Os críticos unânimes saudaram a abrangência de uma criação inspirada que, ao entrecruzar a forma épica clássica e a fragmentação moderna, ilustra formalmente a relação dialética entre a transmissão da memória literária e a necessária renovação da cultura, como metáfora da perpetuação da vida humana.

Além disso, a obra tem uma projeção ideológica forte, ela propicia uma interrogação sobre o nosso relacionamento com os outros e com o mundo, e nesse sentido tem uma projeção universalizadora. O poeta chama a nossa atenção sobre a nossa extrema vulnerabilidade e a estreita dependência que nos une ao meio ambiente. A pandemia mostra com acuidade o fato que a preservação da terra é a condição *sine qua non* para nossa permanência.

Pela escolha de uma linguagem apurada como forma de expressar a sua compaixão, e pelo trabalho de memória realizado nesta tragédia mundial, o poeta demonstra a sua capacidade de resiliência e reinveste a literatura de seu papel conscientizador. Pela denúncia dos descasos e dos desmandos locais, ele assume firmemente um papel político, não apenas em defesa de um povo, mas em defesa de todos os povos.

A literatura e a arte são territórios movidos pela utopia que nos convidam a refundar o mundo a partir da potência do imaginário e da sensibilidade. A relação simbiótica mantida pelos povos originários com o seu território rompe com o discurso hegemônico indicando uma via alternativa para conviver em paz com o planeta.

Referências:

BERGSON, Henri. *O riso: Ensaio sobre a significação da comicidade*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CESAR, Chico & BRAULIO, Bessa. *Espero que nomes consigam tocar*, setembro 2020, março 2021, Canção. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=QrwFGbbQS4g&t=0s>>. Acesso em 01 abril 2021.

CYNTRÃO, Sylvia Helena. *Como ler o texto poético: caminhos contemporâneos*, Brasília: Ed. Plano, 2004.

ECO, Humberto. *Obra aberta*, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1991.

ELIOT, T. S., The Waste land. In. *Poesia*. Trad., intr. e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

FONSECA, Aleilton. *A Terra em Pandemia*, [ilustrado por] Silvio Jessé. Itabuna, BA: Ed. Mondrongo, 2021.

GRAÚNA, Graça. “Geografia do poema” In. *Tessituras da Terra*. Belo Horizonte: M.E. Edições Alternativas, 2001.

KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*, trad. B. Perrone-Moisés; pref. de E. Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Aleilton entrevistado por Elaíze Farias, *Amazônia Real*, 11/02/20, Disponível em: <<http://ailtonkrenak.blogspot.com/2020/02/nao-e-primeira-vez-que-profetizam-nosso.html>>. Acesso em 01 abril 2021.

Lançamento do livro *A terra em pandemia* de Aleilton Fonseca, Universidade da gente, 26/02/2021, Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=cb6IcNoDAJQ>>. Acesso em 23 março 21.

NETO, João Cabral de Mello, *Morte e Vida Severina*, [1955] Belém (PA): NEAD, s.d., Disponível em: <www.nead.unama.br>. Acesso em 01 março 2021.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é literatura?* Trad. C.F. Moisés, São Paulo: Ed. Ática, 1989.